

BILAC, UM CRONISTA À MARGEM DA REPÚBLICA FLORIANISTA

Alvaro Santos Simões Junior
UNESP/Assis

No prefácio a *Usos e abusos da literatura na Escola*, de Marisa Lajolo, Antonio Candido disse que, ideologicamente, Bilac teria variado “como pluma ao vento” para acabar “aceitando com sinceridade o ponto de vista do rolo compressor” e tornar-se “intérprete fiel do pensamento oficioso”.¹ Um dos objetivos das minhas pesquisas nos últimos anos tem sido demonstrar que a trajetória intelectual de Bilac é muito mais retilínea e coerente do que sugere Candido, embora nem sempre estivesse afinada com os governantes de turno. De Floriano Peixoto, por exemplo, foi um dos críticos mais implacáveis.

Em 1891, ao chegar de viagem à Europa, para onde fora como correspondente da *Cidade do Rio*, de José do Patrocínio, Bilac tornou-se funcionário do governo fluminense assim como seus amigos Coelho Neto, Aluísio Azevedo, Luís Murat e Pardal Mallet. O governador Francisco Portela talvez quisesse assim expressar seu reconhecimento aos intelectuais que, nos jornais, haviam contribuído para a propaganda republicana.

No dia dois de novembro de 1891, Deodoro fechou o Congresso com o singelo argumento de que senadores e deputados criavam embaraços para a sua administração. Na verdade, os parlamentares questionavam a moralidade de certas medidas econômicas e financeiras. O governador fluminense e seus ilustres funcionários deodoristas permaneceram em seus cargos sem protesto.

No dia 23 do mesmo mês, eclodiu um contra-golpe apoiado pela Armada, liderada pelo almirante Custódio José de Melo. Para evitar a guerra civil, Deodoro renunciou e transmitiu o cargo ao seu substituto constitucional, o vice-presidente Floriano Peixoto. Com Deodoro, caíram

¹ CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: LAJOLO, Marisa. *Usos e abusos da literatura na Escola*. Bilac e a literatura escolar na República Velha. Rio de Janeiro: Globo, 1982. p. 9.

todos os governadores que o apoiavam, inclusive Portela. Na dança das cadeiras que se seguiu, Bilac e seus amigos foram exonerados.

Em abril de 1892, Bilac, que então trabalhava n' *O Combate*, jornal especialmente fundado para fazer ferrenha oposição a Floriano, participou de manifestação pela volta de Deodoro ao poder. O poeta da *Via Láctea* foi preso como um dos principais conspiradores. Até agosto ficaria confinado na fortaleza da Laje, comendo, segundo confessou em carta a Max Fleiuss, feijão bichado e carne seca podre. Quando libertado, Bilac retornou à *Cidade do Rio*, para ser seu secretário de redação e principal cronista.

A partir de então, Bilac, que já experimentara os rigores do estado de sítio, viu-se na obrigação profissional de comentar em um jornal abertamente oposicionista os atos e omissões do governo autoritário de Floriano. Os riscos ponderáveis a que se expunha não intimidaram o cronista.

Logo no início de fevereiro de 1893, eclodiu no Rio Grande do Sul um movimento armado liderado pelo parlamentarista Gumercindo Saraiva para depor o governo dominado pelo ex-deodorista Júlio de Castilhos. Floriano levou algum tempo para manifestar-se sobre a guerra civil, pois não confiava em nenhuma das facções.² Certa vez, Bilac o imaginou fechado no gabinete telegráfico do palácio do Itamarati — como Fausto entre suas retortas — procurando ansiosamente descobrir que lado apoiar.³

Ao comentar protestos exaltados contra a falta de carne fresca ocorridos na rua do Ouvidor, o cronista aproveitou a oportunidade para acusar o omissos vice-presidente de ser responsável pela tragédia no sul.

² Sobre o atribulado início da República no Brasil, v.: CARONE, Edgard. *A República Velha — II* (Evolução Política). 4. ed. São Paulo: Difel, 1983. p. 25-148.

³ FANTASIO. Crônica. *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, p. 2, 1. col., 27 fev. 1893.

A estas horas, o despotismo trinca voluptuosamente um novo bocado de carne fresca. Nada pode distraí-lo da sua volúpia. No sul, o matadouro continua a funcionar. Se à mesa de cada um de nós pode faltar a carne de vaca, à mesa do Itamarati não há de faltar tão cedo a carne humana...⁴

Bilac não perdoava a Floriano o vezo de protelar suas decisões, muitas vezes alegando problemas de saúde. Por isso, fez questão de registrar o que se ouvia pelas ruas.

Para o grosso público, as moléstias repetidas e quase diárias de S. Ex. não passam de manhas, como as que fazem os colegiais quando não sabem a lição e têm medo de aparecer diante do mestre.⁵

Como Floriano, após muito hesitar, declarou seu apoio ao governo castilhista, a *Cidade do Rio* empenhou-se na defesa dos federalistas. Na imprensa do Rio de Janeiro, ocorria uma guerra de propaganda. Bilac, sempre atento, certa vez escarneceu de telegramas castilhistas que asseguravam o aniquilamento da revolução: “Já é a segunda vez que se aniquila aquilo”, observou então. Em combate nos pampas, apenas cento e trinta castilhistas teriam liquidado mil e quinhentos federalistas. Como a disparidade numérica minava o crédito da notícia, Bilac comentou com ironia:

Que espanta isso? nas guerras, o que vence é a fé. Do lado dos federalistas estão apenas a razão, a justiça, o direito e algumas outras balelas. Do lado dos castilhistas está a fé.⁶

Na sua crônica semanal, publicada sob a rubrica “Os sete dias”, Bilac aproveitou o Domingo de Ramos, em que se recorda a entrada de Jesus Cristo em Jerusalém, para fazer uma alusão às incursões dos federalistas no Rio Grande do Sul.

Hoje, em dia , quando alguém quer entrar na sua cidade, para tomar conta do seu lar prostituído e da sua família morta à fome, é preciso entrar comandando um exército de extermínio, e carregando, em vez das palmas verdes da conciliação, as comblains e as winchesters aperfeiçoadas, capazes de conciliar com a sepultura vinte homens por minuto.⁷

⁴ O. B. Os sete dias vermelhos. *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, p. 1, 1.-2. col., 5 mar. 1893.

⁵ FANTASIO. Crônica. *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, p. 1, 1.-2. col., 16 jun. 1893.

⁶ O. B. Os sete dias. *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, p. 1, 1.-2. col., 26 mar. 1893.

⁷ O. B. Os sete dias santos. *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, p. 1, 1.-2. col., 1. e 2 abr. 1893.

Com o intuito de angariar apoios e sondar lealdades, Floriano instituiu as recepções políticas do Itamarati, promovidas nas noites de sábado. Como não poderia jamais ser um dos convidados, Bilac imaginou sarcasticamente como seriam essas reuniões.

Itamarati inaugurou anteontem as suas recepções políticas. Agora, todos os sábados, iluminar-se-ão os salões presidenciais, e o Sr. marechal Floriano Peixoto, ao fundo do salão de honra, como um sultão ao fundo do seu harém, receberá, com seu eterno balancear de perna e o seu eterno sorriso desconfiado, as homenagens hebdomadárias das odaliscas da legalidade, — deputados, senadores, funcionários e jornalistas, receiosos de que a estima do Senhor esqueça os seus nomes, delidos por uma ausência demorada.⁸

Floriano tomara o poder sob o pretexto de defender a Constituição de 1891, mas para a oposição, como se não bastasse o golpe de 23 de novembro, o vice de Deodoro mantinha-se na Presidência indevidamente, uma vez que a Carta Magna previa convocação imediata de eleições no caso de renúncia do presidente eleito antes de decorridos dois anos no poder. Para zombar da hipocrisia do Marechal de Ferro, Bilac colocou-o sob a pele de Tartufo numa paródia da peça de Molière, em que o presidente seduzia a Constituição, colocada sob as vestes de Elmira.⁹ Floriano mostrou-se mais franco disfarçado de Hamlet, pois declarou brutalmente à Constituição-Ofélia: “eu nunca te amei”.¹⁰

No Congresso, um aliado importante de Floriano era o senador Quintino Bocaiúva. Em junho de 1893, Bilac comentou discurso muito aplaudido do parlamentar, para quem o radicalismo dos federalistas era próprio de quem não estava ao lado da razão, porque, caso estivessem, recorreriam às urnas e não às armas. Fingindo inspirar-se na argumentação do senador, com quem dizia concordar, Bilac, ao fazer uma irônica proposta de paz, revelou o sofisma em que se baseava o discurso.

⁸ FANTASIO. Crônica. *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, p. 1, 2.-3. col., 22 maio 1893.

⁹ FANTASIO. Crônica. A propósito do Tartufo. *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, p. 1, 2.-3. col., 15 jun. 1893.

¹⁰ FANTASIO. Crônica. Tradução inédita do Hamlet. *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, p. 1, 2.-3. col., 23 jun. 1893.

Por que não mandam os federalistas chamar ao Rio Grande do Sul o Sr. José Tomás da Porciúncula, para que ele, na qualidade de governador do Estado revolucionado, presida a uma eleição livre?

É uma boa idéia que dou de graça aos guerreiros meridionais, que não gozam da simpatia do nosso Missionário Quintino.¹¹ Mandem chamar o Sr. Porciúncula. Encarreguem-no de proceder a uma eleição livre. E verão o que sucede:

Sairá das urnas do Rio Grande eleito governador o Sr. Quintino...¹²

O governador Porciúncula, que dominava as votações no estado do Rio de Janeiro, cuja capital era Niterói, notabilizou-se como um dos principais artífices das eleições a bico de pena da Velha República. Como senador daquele estado, Bocaiúva devia o seu mandato aos sortilégios eleitorais de Porciúncula.

Talvez mais do que Floriano, o principal alvo das farpas do cronista Bilac era o ministro da Marinha, Custódio José de Melo, responsável pelo decisivo apoio militar ao golpe de 23 de novembro e um dos membros mais influentes do governo. O poeta não o perdoava por apontar seus canhões contra a cidade e, ao mesmo tempo, zombava de sua imperícia, pois, na conhecida baía da Guanabara, encalhara o navio Riachuelo e perdera o Solimões e, na única manifestação de hostilidade, atingira com um balázio uma das torres da igreja da Candelária, que “não conspirava, não apoiava o golpe de Estado, não violava a Constituição”.¹³

Em fevereiro de 1893, ao discorrer sobre anunciados exercícios militares da Armada, que seriam apreciados por cidadãos postados nos morros, Bilac zombou mais uma vez de Custódio pela vitória sem combate em 23 de novembro.

Posta ao serviço das conspirações, esta mesma esquadra encalhou. E uma conspiração é sempre cousa séria, mormente quando seguida de uma grande vitória. Pois bem. Aí está uma esquadra, que venceu encalhando. Venceu e não aprendeu nada, a

¹¹ A Quintino Bocaiúva Bilac insistentemente atribuía o codinome de Missionário Argentino porque, quando encarregado pelo governo provisório de defender os interesses do Brasil em disputa territorial com a Argentina, o republicano histórico assinou em Buenos Aires o Tratado das Missões (posteriormente rejeitado pelo Congresso) pelo qual parte da área de Palmas (PR) seria cedida ao país vizinho. V. RODRIGUES, José Honório, SEITENFUS, Ricardo A. S. *Uma história diplomática do Brasil (1531-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995. p. 232-41.

¹² FANTASIO. Crônica. As urnas e o Missionário. *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, p. 2, 1.-2. col., 8 jun. 1893.

¹³ O. B. Os sete dias. *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, p. 1, 1.-2. col., 26 fev. 1893.

menos que não se queira registrar como um grande progresso na arte da guerra o saber encalhar a tempo. Aí está como ela, metida num transe verdadeiro, em que podia correr perigo a continuidade dos seus cascos e a vida da sua tripulação, saiu dele sem saber batalhar e sem saber como é que venceu.

Agora, porém, neste transe falso, ela que não hesitou em encalhar diante da história, hesitará por certo em encalhar diante dos cavalheiros e das damas que forem, de binóculo aos olhos, apreciar e admirar as suas evoluções de exercício.¹⁴

Escrita por um freqüentador de cafés e confeitarias, a crônica da *Cidade do Rio* não poderia ser surda aos boatos que se alastravam pelo Rio de Janeiro. Rumores davam conta que os ministros Custódio de Melo e Serzedelo Correia deixariam o governo, o que fez Bilac prever a ocorrência de novos motins pela conquista do poder. A história demonstrou que a intuição do poeta era certa.

Por que motivo, depois de haver por tanto tempo governado Israel, depois de haver por tantas vezes batido os Filisteus da República, os dois Sansões da Legalidade sacudiam as próprias pastas, ameaçando a estabilidade do templo magno da Nação? Pois, que?! teria havido uma Dalila, conspiradora e perversa, que lhes cantarolasse aos ouvidos a ária satânica da tentação, convencendo-os de que deviam deixar crescer os cabelos da sua revolta e da sua sofreguidão?¹⁵

A convicção de que as sucessivas quarteladas e o governo militar de Floriano arrasaram o país fez com que Bilac escarnecesse de projeto apresentado à Câmara dos Deputados em favor da elegibilidade dos militares,¹⁶ proposta que fora defendida pelo jornal situacionista *O País*, cujos principais redatores eram militares.

Quando os rumores a respeito de um novo *pronunciamiento* liderado por Custódio se tornavam mais fortes, Bilac deixou a *Cidade do Rio*. No mês de julho, não publicou nenhuma crônica, talvez por motivo de doença, pois com essa justificativa faltou a compromisso assumido com seu amigo Artur Azevedo de publicar n' *O Álbum* “esboço biográfico” de Luís Murat.¹⁷ Seu deodorismo impedia-o de defender Floriano; sua repugnância pelo ingerência dos militares na

¹⁴ FANTASIO. Crônica. *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, p. 1, 4. col., 10 fev. 1893.

¹⁵ O. B. Os sete dias. *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, p. 1, 1.-2. col., 17 abr. 1893.

¹⁶ FANTASIO. Crônica. A espada de Breno. *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, p. 1, 2.-3. col., 27 jun. 1893.

¹⁷ A. Crônica fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, n. 26, p. 201, jul. 1893.

política não lhe permitia apoiar a aventura de Custódio, cujo desrespeito pelas leis tanto criticara. Em agosto de 1893, abandonou o jornal de Patrocínio, que escolhera combater Floriano a todo custo,¹⁸ para abrigar-se na moderada *Gazeta de Notícias*, onde publicou sua primeira crônica no dia 22 do mesmo mês. A mudança foi assim saudada por Artur Azevedo:

O ilustre poeta trocou a *Cidade do Rio* pela vizinha da esquerda, e eu não tive pena porque — francamente — a política e ele não foram feitos um para o outro. Prefiro-o ali, porque ali o acho mais à vontade, mais alegre, mais espontâneo ...¹⁹

Em 24 de outubro de 1893, desafiando a censura do governo, combatido pela esquadra sublevada desde 6 de setembro, a *Cidade do Rio* estampou o manifesto de Custódio José de Melo, líder da Revolta. A ousadia custou caro ao jornal; todos os exemplares foram confiscados, a publicação foi suspensa e seus principais jornalistas pediram asilo em navios estrangeiros fundeados na baía.

Segundo vagas informações de Raimundo Magalhães Jr.,²⁰ Bilac teria sido preso logo após. Como dessa vez a detenção não foi longa, uma vez que no início de novembro o poeta exilar-se-ia em Minas Gerais, presume-se que as autoridades não conseguiram apurar nenhuma participação do poeta na edição confiscada. No mesmo dia 24, saía na *Gazeta de Notícias* uma crônica em que Bilac registrava diálogo mantido com um velho boêmio no cabaré Éden Concert. Embora pudesse ser fruto da imaginação e ter sido redigido com bastante antecedência, o texto era um alibi perfeito, pois relatava acontecimentos da noite anterior, quando a *Cidade do Rio* fora composta.

¹⁸ A redação assinalou a defecção sofrida nestes termos: “Temos a grande mágoa de comunicar aos nossos leitores que estamos privados da fulgurante prosa de Olavo Bilac. Não se quebram porém a nossa solidariedade política, nem a nossa amizade. / Acreditamos mesmo que o impedimento do nosso ilustre amigo não será longo e que teremos o ensejo de anunciar aos nossos leitores que a *Cidade do Rio* ainda se ufanará de vê-lo ocupando o lugar, que ele tanto elevou pelo seu primoroso talento e pela sua inquebrantabilidade cívica”. Olavo Bilac. *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, p. 1, 4. col, 10 ag. 1893.

¹⁹ A. Crônica fluminense. *O Álbum*, Rio de Janeiro, n. 35, p. 274, ag. 1893.

²⁰ MAGALHÃES JR., Raimundo. *Olavo Bilac e sua época*. Rio de Janeiro: Americana, 1974. p. 156.

Fazendo largo uso do humor e da ironia, Bilac esboçou caricaturas de Custódio e principalmente de Floriano, que, nas suas crônicas e sátiras, é Fausto, antropófago, menino de colégio, sultão, Tartufo e Hamlet. Ridicularizar Floriano era uma maneira de negar ao “usurpador” a reverência a que somente fazem jus os presidentes legítimos. Atribuir a Floriano — justa ou injustamente, não importa — defeitos de caráter como indecisão constante, falsidade, oportunismo, ambição e falta de compostura corroía a imagem de homem íntegro do Marechal de Ferro.

Quando se viu colocado diante do rolo compressor, Bilac não se furtou a criar empecilhos que pudessem sustar a sua marcha irresistível. Se oscilasse como pluma ao vento, não lhe seria difícil acompanhar seus amigos Patrocínio e Murat na aventura custodista. Bilac, no entanto, preferiu preservar a sua coerência ideológica transferindo-se para a *Gazeta de Notícias*, onde não seria constrangido a apoiar atentados às instituições democráticas e ao Estado de Direito.